

# Quando a violência está no título

“Cerca de uma em cada cinco mulheres vítimas de homicídio é assassinada por motivos passionais, informa o jornal ‘Folha de São Paulo’”. Ainda segundo o jornal, a maioria dessas vítimas completou apenas o primeiro grau, tem entre 20 e 29 anos e são donas de casa. Ou seja: as mulheres assassinadas nesses crimes são, na maior parte, pessoas comuns e humildes”.

É um texto retirado do terceiro número da revista PHD. A matéria traz, entre outras, informações sobre a forma como os crimes passionais cometidos contra mulheres eram tratados no passado recente, quando era comum apelar para a defesa da honra. Esvaziado esse apelo, depois da luta das mulheres, que, especialmente nos anos 70, mobilizaram-se em torno da bandeira **quem ama não mata**, “agora, uma nova tese é a bola da vez: a da violenta emoção”. Esta tese permite a “diminuição da pena de um sexto a um terço daquela prevista para o homicídio simples”.

Um outro ingrediente da matéria é uma indicação de cunho histórico: “o crime passionais começou a aparecer no âmbito do direito brasileiro no final do século XIX e é registrado dos tribunais de júri desde 1890. Na época, esses réus eram vistos como criminosos ocasionais, ou seja, pessoas de passado idôneo, que cometiam um crime em um acesso de desprezo, insensatez, infelicidade ou ciúme”.

Complementarmente, um outro elemento que compõe a estrutura do texto é a exposição de casos famosos de homicídios, envolvendo histórias de amor.

São seis páginas de fundo preto. Nas duas primeiras o espaço é ocupado, predominantemente, pelo título **Crimes Passionais o amor que mata**.

É bom recordar que um título propõe uma chave de leitura para o receptor, ou seja, indica um caminho para a percepção. Um título não é um acessório qualquer, ele, indiretamente nos diz: dê preferência a esse modo de ver.

Nas páginas seguintes há uma tarja branca atravessando horizontalmente o texto, com citações de Nelson Rodrigues: “quem nunca desejou morrer com o ser amado, nunca amou nem sabe o que é amar” e “mais patéticos do que cem mortos, é o casal que se mata de amor e por amor”.

Especialmente a primeira citação de Nelson Rodrigues aproxima-se, dentro do contexto evidenciado pela revista, de uma terceira tese, aquela que encara as violências passionais como parte e até prova de um verdadeiro amor. Foi uma utilização infeliz da obra de Nelson Rodrigues. Mas de um modo geral, o texto surpreende pelo modo como foi construído, demonstrando uma postura investigativa e preocupada com a compreensão do fenômeno.

Como imaginar a manchete de capa referente ao mencionado texto?

O leitor precisa saber que a PHD é uma revista masculina e traz uma inovação justamente no que diz respeito à capa. A revista optou por criar uma capa dupla, ou seja, tanto a frente quanto o fundo têm estrutura de capa. Assim, devemos imaginar duas manchetes.

Não é impossível imaginar os títulos, afinal, a imaginação é um exercício livre e existem sólidas pistas já expressas anteriormente sobre a questão central abordada. Creio que difícil é adivinhar: **SEXO E VIOLÊNCIA histórias fantásticas envolvendo essa mistura explosiva**.

O teor do título compromete todo o tratamento dispensado à redação da matéria. A escolha por essa chave simbólica remete à lógica de um mercado que tem se apoiado nas violências para vender produtos. E esse fator se repete na outra capa com a manchete: **SEXO E VIOLÊNCIA uma combinação explosiva pg.38**.